

JORNAL DE BRASÍLIA**TRIBUNA DA
CIDADE****GERALDO MAGELA****O movimento
cultural no DF**

O movimento cultural do Distrito Federal vive um momento importante para sua organização. As conquistas consolidadas na criação do Conselho de Cultura do DF, garantidas em lei, correm o risco de se esvaírem, caso os artistas, os técnicos, os produtores culturais não se motivem.

É impressionante o desinteresse pelo debate verificado nos últimos tempos. Aqueles que preferem ver a discussão esvaziada, convenientemente, alegam que a partidáriação está prejudicando o movimento e que, por isso, as plenárias culturais são tão escassas e pouco representativas. Avaliação tendenciosa que não corresponde à realidade.

É saudável e imprescindível, ao contrário do que pensam alguns, que os partidos políticos estejam interessados no debate cultural, mas é preocupante que este despertar venha tão embebido de práticas ultrapassadas. O Partido dos Trabalhadores nunca se propôs a monopolizar o debate ou a representatividade na área cultural. É ingenuidade, ou má-fé, admitir que os conselhos e os órgãos administrativos da política cultural possam ser conduzidos apenas por um único partido. É natural que neste campo prevaleça a pluralidade, pois o processo cultural, na sua essência, é dinâmico, suprapartidário e alheio de contradições.

O próximo Conselho de Cultura do DF, cuja eleição ainda não se concretizou, assumirá tarefas novas em função da existência do Faac

(Fundo de Apoio à Arte e à Cultura) e dos incentivos fiscais à produção cultural, aprovados pela Câmara Legislativa e sancionados pelo governador. Este novo

criadores, que podem contribuir com uma reflexão mais ampla do processo cultural? modo, é natural.

papel do conselho tem despertado muitos interesses e paixões, o que, de certo

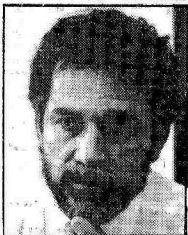
Onde estão os intelectuais, os criadores, que poderiam contribuir com a reflexão mais ampla do processo cultural? Pode-se admitir que a maneira como os foros estão sendo convocados não seja a mais adequada, mas é incompreensível que a participação comunitária na administração pública esteja sendo relevada desta forma. Todos devem exigir que os seminários se mantenham abertos, onde todos possam dar sua opinião e, se possível, vê-la implementada. Todos devem exigir que a Secretaria de Cultura cumpra com sua responsabilidade no processo organizativo dos seminários, proporcionando toda a infraestrutura necessária para a sua publicidade. É reconhecida a ausência da secretaria, por exemplo, na divulgação do III Seminário de Cultura do DF.

A responsabilidade de cada um, seja na defesa do interesse coletivo, seja na defesa de seus próprios interesses, é participar, nunca se omitir. O preço da omissão é o autoritarismo e o desvio dos objetivos principais, que podem se traduzir em prejuízos incalculáveis para a comunidade. Os conselheiros eleitos pelo movimento para compor, paritariamente, o Conselho de Cultura, não devem ser escolhidos por cidade-satélite e nem por ramo da manifestação artística, mas entre pessoas que possam traduzir globalmente o pensamento de todos os que fazem parte do grande caldeirão cultural brasileiro.

A política cultural do Distrito Federal carece de uma definição, e o Conselho de Cultura tem a obrigação de traduzir os sentimentos da população, abrir possibilidades para que todos se manifestem e corrigir as distorções que vêm sendo cometidas pelo Governo. Um excelente conselho pode não ser a solução de todos os problemas, mas, com certeza, um conselho escolhido sem critérios contribuirá para o empobrecimento cultural desta cidade.

■ **Geraldo Magela** é deputado distrital pelo PT.

Valdir Messias



Onde estarão os
intelectuais, os